

VIPASCA

ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA

1994



3

Publicação periódica da
CÂMARA MUNICIPAL DE ALJUSTREL

Edição da
UNIDADE ARQUEOLÓGICA DE ALJUSTREL

OS ARTIGOS PUBLICADOS NESTA REVISTA SÃO DA INTEIRA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

DIRECTOR: Carlos Ramos
 SUB-DIRECTOR: João Lourenço

COORDENAÇÃO GRÁFICA: Carlos Ramos e Artur Martins

CAPA: Grafismo - Carlos Valente e Artur Martins

FOTÓLITOS E IMPRESSÃO: Gráfica Ideal de Cacilhas, Lda.
 Rua Cândido dos Reis, 144-A, Cacilhas, Almada

Tiragem: 1000 exemplares

**SOLICITA-SE PERMUTA. ON PRIE L'ÉCHANGE. EXCHANGE WANTED.
 SOLLECITIAMO SCAMBIO. TAUSCHVERKEHR ERWÜNSCHT.**

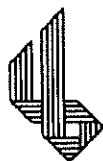
- A correspondência e as permutas devem ser endereçadas a:
- La correspondance et les échanges doivent être adressés à:
- Correspondence and exchanges should be sent to:

Revista "Vipasca"
Biblioteca da Câmara Municipal de Aljustrel
Câmara Municipal de Aljustrel
7600 Aljustrel
PORTUGAL

APOIOS:



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS



UNIÃO DE BANCOS
 PORTUGUESES, S.A.



CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA
 MÚTUA DE ALJUSTREL
 E ALMODÔVAR

© VIPASCA © autores
 ISSN - 0872-1653
 ISBN - 972-95978-0-4
 Depósito Legal - 77537/94
 O preço inclui IVA à taxa de 5%



INSTITUTO PORTUGUÊS DO
 PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO
 E ARQUEOLÓGICO

UMA INSCRIÇÃO EM CARACTERES DO SUDOESTE ACHADA EM MÉRTOLA

António Marques de Faria

A estela objecto desta notícia foi recolhida em 8 de Outubro de 1993, a meia dúzia de metros a sul das ruínas da basílica paleocristã do Rossio do Carmo, em Mértola, quando se procedia à abertura de uma cova destinada à plantação de uma palmeira, no âmbito do arranjo paisagístico da área envolvente do recentemente musealizado conjunto formado pelo que resta dos alicerces daquele templo e pela parte da necrópole existente no seu interior (TORRES et alii, 1993).*

Após sondagem feita no local, verificou-se que a referida lápide se encontrava reutilizada como tampa de uma sepultura paleocristã.

A estela, de grauvaque cinzento, ostenta as seguintes dimensões máximas (em cm): 79, 5 x 39 x 12. O texto, composto por quatro linhas sem cartelas, foi gravado da direita para a esquerda, a exemplo do que sucede como a maioria das inscrições do SO.

Os caracteres apresentam-se profundamente gravados por incisão, facto que facilita a sua leitura. Não obstante, a superfície inscrita foi, em época indeterminada, gravemente danificada, tornando a leitura da primeira linha praticamente impossível. Também o primeiro signo da 2ª linha e o último da 3ª ficaram, pelo mesmo motivo, por identificar.

É esta a transcrição do texto em apreço:

Na 1ª linha, a mais afectada pela fractura da superfície epigrafada, vislumbra-se somente a parte inferior de dois

signos que podem ser lidos de modo conjectural como T(a)a.

A transliteração da 2ª linha, uma vez considerado perdido o signo 1, é a seguinte: -JP(o)a-(e?)ea. Em Alagoas II (J.6.2) encontra-se o outro exemplo da utilização de P(o) seguido de a. Deste facto é legítimo inferir que, sendo a redundância vocálica uma das principais características do presente sistema gráfico, a língua por ele transmitida possuía morfemas terminados em oclusiva bilabial. Uma outra explicação para este fenómeno poderá residir na ausência de uma total rigidez na aplicação da regra de redundância vocálica, cujo grau de variabilidade seria resultante de factores geográficos e/ou cronológicos (CORREIA, 1993, pp. 78-79, 88).

O signo 4 não se encontrava até agora documentado, apresentando o que dele mais se aproxima três ou quatro traços perpendiculares à haste, em vez dos dois que se observam no caso vertente (CORREA, 1993a, p. 535: *signo 14*). Não obstante estar atestado apenas três vezes, ainda que em todas precedendo a, CORREA (1993a, p. 535) propôs identificar o *signo 14* com m(a). No entanto, sucedendo ao nosso signo a vogal e, será difícil interpretá-lo como um alógrafo do *signo 14*, a menos que estejamos perante um signo exclusivamente alfabético de valor consonântico, constituindo os três registos de sequência vocálica em -(a) uma pura coincidência. Neste caso, talvez fosse possível transliterar o *signo 14* como m. De qualquer modo, considerando a possibilidade de o nosso signo 4 constituir um silabograma em -(e), valerá a pena recordar que o grafema meridional homógrafo do *signo 14* equivale a Be (MLH III, 1, p. 143; FARIA, 1990-1991, p. 78; FARIA, 1992, pp. 41, 45).

A 2ª linha termina com a sequência vocálica dupla ea, uma das mais frequentes nas inscrições do SO, com 14 casos registados (CORREA, 1993b, pp. 55, 56).

A transliteração que propomos para a 3ª linha é a seguinte: nør-(i?)ion[-]. A sequência nør poderá ter estado testemunhada na desaparecida estela de Alcalá del Río, registando-se no igualmente em Ameixial IV (J.7.7) e em Siruela (J.55.1). Por sua vez, a sequência ion é conhecida em Benaciate II (J.4.1), Azinhal dos Mouros (J.5.1), Vale dos Vermelhos II (J.7.2), Cômoros da Portela II (J.4.3) e em Siruela (J.55.1), ocorrendo io em 13 casos (CORREA, 1993b, pp. 55, 57).

A fractura dos limites verticais da estela não permite

*Agradeço ao Dr. Cláudio Torres, Director do Campo Arqueológico de Mértola, por me ter permitido o estudo da inscrição e por me ter cedido a fotografia que ilustra este trabalho.

a identificação do signo 8 da presente linha, dele restando apenas o que parece ser uma haste vertical. Note-se que não se vislumbra qualquer incisão unindo a referida haste ao signo anterior, facto que impede qualquer tentativa de interpretar o signo 7 como i.

Tal como o grafema da linha anterior que leva o mesmo número, o signo 4 não integra o signário de Espanca (DE HOZ, 1990; CORREA, 1993a; ADIEGO, 1993; UNTERMANN (no prelo a)) nem qualquer outra inscrição. A exemplo de outros caracteres documentados apenas uma ou duas vezes, e que não se coadunam facilmente com a correspondência estabelecida até à data entre o que se espera do sistema fonético da língua do SO e a respectiva realização gráfica (DE HOZ, 1989, pp. 531-534), este signo deverá, por esse motivo, ser alógrafo de um dos caracteres já conhecidos. Refira-se a propósito que as diversas realizações ortográficas de um mesmo fonema poderão eventualmente ser o reflexo de diferentes localizações no espaço (CORREA, 1985-1986, pp. 279-282) ou no tempo (CORREIA, 1993, pp. 65-67, 73-83). Se estivermos perante um signo alfabético desprovido de sequência vocálica fixa, a afinidade formal entre este e o *zayin* fenício poderá sugerir a presença de uma sibilante; porém, atendendo a que o grafema subsequente representa i, parece-nos lícito considerar o signo 4 um silabograma em -(i).

A interpretação da 4ª linha não oferece grandes dificuldades: *aiP(o)o*. A sequência *iP(o)o* parece figurar igualmente na 3ª linha da inscrição funerária, ainda inédita, em *boustrophedon*, de Barradas (Benafim, Loulé) (MARQUES et alii, 1992, p. 209). Segundo CORREA (1993b, pp. 55, 58), a sequência *ai*, a mais documentada — 15 vezes — nas inscrições do SO, poderá, *ipso facto*, ser interpretada como ditongo. Talvez não seja mera coincidência a semelhança fonética entre *aiP(o)o* e *aiBon*, presumível antropónimo reproduzido em caracteres meridionais, por duas vezes, numa pátera de prata de Santiago de la Espada (Jaén) (*MLH* III, 2, pp. 642-644).

Importa notar que, diversamente da grande maioria das inscrições recenseadas, o presente texto não comporta a tão discutida fórmula funerária (UNTERMANN (no prelo b), com bibliografia anterior).

Embora não disponhamos de nenhuns elementos arqueológicos passíveis de datar, não vemos qualquer motivo para atribuir a esta e às outras inscrições do Sudoeste uma cronologia que não varie entre o século VII e o século V a.C. (COELHO, 1976, pp. 203-204; FARIA, 1992, pp. 40, 44).

et indogermanica J. Untermann ab amicis hispanicis oblata, Barcelona, pp. 11-22.

- COELHO, L. 1976, Epigrafia prelatina del SO peninsular portugués. Algunos problemas arqueológicos y epigráfico-lingüísticos, in: *Actas del I Coloquio sobre lenguas y culturas prerromanas de la Península Ibérica (Salamanca, 27-31 mayo 1974)*, Salamanca, pp. 201-211.
- CORREA, J. A., 1985-1986, El signario tartésio, in: *Veleia*, 2-3, pp. 275-284.
- CORREA, J. A., 1993a, El signario de Espanca (Castro Verde) y la escritura tartésia, in: *Lengua y Cultura en la Hispania prerromana. Actas del V Coloquio sobre lenguas y culturas prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de noviembre de 1989)*, Salamanca, pp. 521-562.
- CORREA, J. A., 1993b, Secuencias vocálicas dobles en las inscripciones en escritura tartésia, in: *Sprachen und Schriften des antiken Mittelmeerraums. Festschrift für Jürgen Untermann zum 65. Geburtstag*, Innsbruck, pp. 53-62.
- CORREIA, V. H., 1993, A epigrafia da Idade do Ferro do Sudoeste Península Ibérica (Diss. policopiada), Porto.
- FARIA, A. M. de, 1990-1991, Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais, in: *Portugalia*, nova série, 11-12, pp. 73-88.
- FARIA, A. M. de, 1992, Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal, in: *Vipasca*, 1, pp. 39-48.
- DE HOZ, J., 1989, El desarrollo de la escritura y las lenguas de la zona meridional, in: *Tartessos. Arqueología protohistórica del Bajo Guadalquivir*, Sabadell, pp. 523-587.
- DE HOZ, J., 1990, El origen oriental de las antiguas escrituras hispanas y el desarrollo de la escritura del Algarve, in: *Estudios Orientais*, 1, pp. 219-246.
- MARQUES, T. et alii, 1992, Carta arqueológica de Portugal. Concelhos de Portimão, Lagoa, Silves, Albufeira, Loulé e São Brás de Alportel, Lisboa.
- MLH III = UNTERMANN, J., 1990, *Monumenta Linguarum Hispanicarum*, III. Die iberischen Inschriften aus Spanien, Wiesbaden.
- TORRES, C. et alii, 1993, Museu de Mértola. Basílica paleocristã, Mértola.
- UNTERMANN, J. (no prelo a), La escritura tartésia entre Griegos y Fenícios, y lo que nos enseña el "alfabeto" de Espanca.
- UNTERMANN, J. (no prelo b), Zum Stand der Deutung der "tartessischen" Inschriften.

Lisboa, Fevereiro de 1994

BIBLIOGRAFIA

- ADIEGO, I. J., 1993, Algunas reflexiones sobre el alfabeto de Espanca y las primitivas escrituras hispanas, in: *Studia palaeohispanica*



